

Mariz

MARIZ, orago Santo Emilião, era uma vigararia da apresentação do reitor do convento de Vilar de Frades até 1834.

Esta igreja foi unida ao convento de Vilar de Frades pelo Papa Júlio II, a instâncias do cardinal de Alpedrinha, no ano de 1507.

Mariz vem, segundo o P.^e António Gomes Pereira, «do genitivo *Manei*, de *Maricas*; ou antes do genitivo de *Malaricus* ou de *Manaricus*, para explicar o acento da primeira sílaba».

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação «De Sancto Miliano de Maariz» de Terra de Nevia e nelas se diz: que o rei não tem aqui reguengo algum, nem recebe foro algum, — *quia est cautum per patronos* e que o rei não é o padroeiro.

Nos *Bens das Ordens* se diz: «quod ista ecclesia habet senarias et 2 casalia, et medietatem de ecclesia. Várzea 2 casalia et medium. Balneum 3 casalia et médium, et quartam de ista ecclesia. Hospital e 3 casalia. Aquas Sanctas 10 restes de cebolias de renda. Et Sanctus Martinus de Crasto 20 restes.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: *In Judicato de Nevia Item in parrochia Sancti Milianí* que el Rey non est patronus da ecclesia. Item, dam al

Rey cada ano dois maravedis de renda, et segnas restes de cebolas aos Mayórdomos de Barcelos; et non fazem ai Rey outro foro ca est couto per padrões.

A nobre e antiga família Mariz teve seu solar nesta freguesia.

O Paço dos Marizes era a casa de Argemil, nesta freguesia, que depois passou a ser Morgado dos Ferreiras da casa de Cavaleiros.

Os Marizes dizem-se descendentes de Roberto de Mongo Mery, fidalgo francês, que veio para Espanha, onde se estabeleceu. Um dos seus descendentes, Afonso Nunes de Mariz, casado com D. Maria Carrilho, filho de Lopo Nunes Lopes de Mariz e de D. Maria de Ayala, seguindo o partido de D. Pedro contra D. Henrique nas lutas entre aqueles dois Príncipes sobre a coroa castelhana em que o primeiro ficou vencido, fugiu daquele Reino para Portugal e aqui viveu. Álvaro Ferreira, senhor da casa dos Cavaleiros, que lhe foi tirada por um seu sobrinho, foi também senhor da casa de Argemil em cuja descendência andou até passar a estranhos por compra.

Esta casa tinha capela na igreja matriz de Barcelos, que foi vendida aos irmãos da Confraria de Nossa Senhora das Dores para nela colocarem a sua imagem e com a obrigação de venerarem as sepulturas que os senhores da casa de Argemil ali tinham.

Na reconstrução daquela capela, mandada fazer pela irmandade ao lado da sepultura de Álvaro Ferreira, falecido em Abril de 1501, encontrou-se outra com a tampa partida e os pedreiros ao restaurá-la picaram-lhe o letreiro.

Foi senhor desta casa no século XVI Rui Ferreira, o que teve o duelo com o Abade de Creixomil, como se narra na freguesia de Creixomil.

A casa e quinta de Argemil foi aforada no século XIX pela Viscondessa do Souto de El-Rei a um indivíduo conhecido por o «Amarante» e à morte deste foi arrematada em praça pelo pai da sua actual possuidora, a Snr.^a Joana Margarida Gomes.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia era primitivamente no lugar das Fontainhas ou Lajinhas e foi mudada no século XVII para o sítio onde está, lugar de St.^o Emilião.

Nas Lajinhas ainda se encontram, segundo nos informaram, vestígios da antiga construção daquela igreja.

O templo actual está situado no centro de um pequeno adro, cercado por parede, para o qual se desce por um escadório, fechado por cancelas de ferro.

Na sua fachada baixa em pedra, sem reboco, abre-se uma pequena rosácea, erguendo-se ao seu lado esquerdo uma sineira.

Na verga da porta principal, lê-se uma data —1693, a da construção deste templo.

No adro, encostadas às paredes da igreja, erguem-se várias cruzes em pedra.

Na que está ao lado direito da porta principal tem na base a seguinte inscrição: «M.^{el} dOliv.^a 1727» e na que está junto à escada para a sineira também na base, por baixo duma caveira e duas tíbias gravadas na pedra, lê-se a data—1731.

Do lado esquerdo, atrás das escadas para o torreão está a sacristia e casa de arrecadação.

Este templo é baixo, sobre o comprido, e dentro a capela-mor é forrada a madeira pintada, sendo o seu altar em talha simples e moderna.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo ao centro a imagem do padroeiro St.^o Emilião.

Tem dois altares laterais e do lado do evangelho um oratório.

Por trás destes altares, em estilo moderno, vê-se um arco metido na parede, tapado a pedra e cal, onde deviam estar os antigos altares.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia em granito lisa e antiga.

A Igreja é iluminada do lado sul por três rasgadas janelas.

O *Cruzeiro Paroquial* estava no sítio onde foi construído o Cemitério, sendo dali mudado para o sítio onde está, junto à estrada, na ocasião da construção deste.

É baixo e modesto, a coluna moderna, sendo porém a base e a cruz antigas. Não tem data nem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* é em frente à igreja, ao poente de um pequeno largo assombrado por muitas oliveiras e tem sobre o seu portão a data —1888.

Ao sul do cemitério eleva-se um outeiro a que chamam «o monte do Castro».

Quando foi da construção do cemitério encontraram--se ali restos de antigas construções.

A *Residência Paroquial* está ao sul da igreja, para a qual se entra pelo adro.

Existem nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as de Mariz, as da Coutada e as de Covelos.

Actualmente não há capela alguma, nem pública, nem particular.

Existiu antigamente uma: a de *Santo António* junto à casa de Argemil.

Há, porém, muitos anos que foi profanada, servindo hoje de adega daquela casa. Dela apenas existem as portadas belamente almofadadas da sua porta principal.

Esta freguesia, situada no declive suave das margens do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro da Anta ou da Ventosa, que nasce na freguesia de Vilar do Monte e vai

desaguar ao Cávado, e é servida pela estrada n.º 29 de Esposende a Braga.

As suas fontes públicas são: a de Santo Emilião, a de Mariz e a de Vilar.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Creixomil, pelo nascente com a de São Pedro de Vila Frescainha, pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de Perelhal.

A sua população no século XVI era de 13 moradores; no século XVII era de 46 vizinhos; no século XVIII era de 43 fogos; no século XIX era de 183 habitantes e actualmente é de 227 habitantes, sendo 93 varões e 134 fêmeas, sabendo ler 37 homens e 8 mulheres, havendo 182 analfabetos.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Santo Emilião, Argemil, Vilar, Covelos, Coutada, Paço e Ferreiro.

As suas casas mais importantes são: a de Argemil, a dos Matos, a do Martins, a do Cardoso e a da Cambia.

Tem uma loja de comércio, não tem Caixa do Correio nem Escola Oficial e a sua indústria é apenas representada por algumas moendas.

Há nesta freguesia umas águas minerais ainda não estudadas.

O P.º Carvalho, na sua «Corografia Portuguesa», quando trata desta freguesia, diz: que tem uma fonte onde vão buscar água que benze o vigário para doentes, que a bebem, e tem muita virtude, particularmente para o fastio.

Estamos ainda sem saber se a virtude da água derivava das bênçãos do vigário de Mariz que a benzia ou das suas propriedades terapêuticas ainda por estudar.

Aires Ferreira, da casa de Cavaleiros, que perdeu por demanda, foi senhor de Argemil nesta freguesia e jaz

sepultado na Igreja Matriz de Barcelos, na capela que pertencia a esta casa.

Aires Ferreira teve três filhos varões e todos eles foram para a Índia batalhar.

O primogénito *Rui Ferreira de Mendonça*, senhor da Casa de Argemil por morte de seu pai, veio da Índia para se bater em duelo com o abade de Creixomil que tinha afrontado aquele seu pai, como se conta naquela freguesia.

Os franceses em 1809, quando marchavam de Barcelos sobre Esposende, tiveram um recontro com as milícias portuguesas, que lhe saíram de emboscada e lhe mataram alguns soldados na estrada real que passava junto à quinta de Argemil.

Um lavrador destes sítios, vendo que junto dos soldados mortos existia uma grande caixa, esperou pela noite e trouxe-a para casa, julgando que era o cofre do destacamento.

Altas horas da noite procedeu ao arrombamento daquela caixa em sua casa, antegozando já a posse de um valioso tesouro, mas aberta aquela, encontrou apenas. .. ferraduras, cravos e alguma ferramenta!

Tinha sido morto o ferrador dos cavalos do destacamento, deixando por despojos os instrumentos do seu ofício.

Calcule-se a decepção do lavrador!

Aponta-se ainda o sítio onde foram enterrados os soldados mortos nessa emboscada.

O grosso do destacamento, abandonando os mortos, voltou a Barcelos, onde estava o comandante Lorges, e reforçado aí, voltou pelo mesmo caminho seguindo até Esposende, fazendo uma razia, matando e incendiando tudo por onde passava.